

Até quando, ministro?

MOZART AMARAL

Ninguém tem a menor dúvida: o governo Collor está no caminho certo, ao impor regras estáveis ao país, ao adotar as normas de combate à inflação que deram certo no resto do mundo e ao afastar — liminarmente — os curandeirismos e controles que trazem apenas um alívio efêmero. A pergunta que se impõe, hoje, é a seguinte: até quando a sociedade irá suportar a luta contra a inflação através da depressão econômica?

Estamos entre os representantes de entidades empresariais que desde logo se posicionaram contra a opção estatizante nas últimas eleições, que tinha à frente o candidato Lula. Da mesma forma, por defendermos o liberalismo com preocupação social, nos manifestamos contra o excessivo intervencionismo do primeiro momento do governo Collor, capitaneado pela ex-ministra Zélia. Sem levar em conta o fracasso recente do Plano Cruzado, a equipe da ministra poderia, ao menos, ter se beneficiado das lições emanadas da história, pois o mesmo ocorreu com o congelamento de preços e o excesso de presença do Estado imposto pelo imperador Deocleciano. De início, as mercadorias ficaram acessíveis a todos, mas

em seguida começaram a desaparecer os bons produtos e os bons profissionais também fugiam dos preços estabelecidos para todos. E teve de retornar a lei da oferta e da procura, também na Roma antiga.

O ministro Marcílio conta com a boa vontade do empresariado, pois está agindo de cabeça fria, com inteligência e permitindo que os fluxos de mercado possam ser exercidos livremente. Ao mesmo tempo, ameaça os oligopólios com medidas especiais ou com abertura de importações, o que é plenamente recomendável, embora difícil de ser implantado com eficácia.

A volta do Brasil à comunidade financeira internacional é o passo mais acertado que está sendo dado pelas autoridades econômicas, com o aval do presidente Collor. Nenhum país pode sobreviver afastado das fontes de financiamento e a adesão dos países ex-comunistas ao Fundo Monetário Internacional prova que o Brasil não poderia adotar outro comportamento. Está certo o controle rígido das finanças internas, a privatização, a contenção dos gastos públicos, visando à harmonia nas contas do Estado.

O único ponto a ser levantado, em relação à política do ministro Marcílio, é em relação à duração da recessão. Um país que forma, a cada ano, mais de 1,5 milhão

de jovens prontos para o trabalho, não pode se dar ao luxo de manter uma longa luta contra a inflação baseada apenas na contenção do consumo. A nosso ver, o consumo não representa apenas o lado supérfluo da vida, mas as compras feitas no comércio vão gerar empregos nessa atividade terciária e na indústria, além de estimular a agricultura. E os impostos recolhidos impulsionam o setor governamental, que se quer ver reduzido, mas nunca extinto ou enfraquecido.

O controle da inflação através do chamado sistema monetarista tem de ser atenuado, através de medidas sociais, para se evitar maiores rupturas na sociedade. O espetáculo de cinemas vazios, restaurantes idem, lojas com vendas em decréscimo e indústrias dando férias coletivas ou demitindo não pode prosseguir indefinidamente.

Em resumo, estamos plenamente de acordo com a filosofia imposta pela cúpula econômica, mas a intensidade do choque imposto à sociedade tem de ser acompanhada de perto, por um anestesista de grande visão social, para evitar que se acentue o sentimento de desânimo que existe em grande parte dos brasileiros, especialmente no coração dos jovens.

Mozart Amaral é presidente da Federação do Comércio Varejista do Estado do Rio de Janeiro.